Os personagens Carminha e Max viraram assunto nas redes sociais

O público levanta do sofá e entra na telinha

As telenovelas são tidas como uma expressão artística na qual o Brasil é autoridade. Mas podemos falar em arte quando o gosto do público restringe a criatividade do autor?

ALICE REIS E CARINA BACELAR

O Brasil costuma se gabar por ser dono de uma Hollywood muito particular: a das telenovelas. Produzimos e exportamos bandidos e mocinhas para os cinco continentes. Até aqui, nada que escape à lógica da soja ou do suco de laranja. Exceto que se trata de arte, certo? "Não necessariamente", é o que defendem muitos especialistas e autores do gênero. Episódios na história dos folhetins nacionais apontam para uma submissão da livre expressão do autor às de-

mandas do mercado, tornando alguns temas proibitivos quando o objetivo é a boa audiência.

– O Teatro é feito para poucos, é segmentado. Já a televisão está ligada a anunciantes, é outro mecanismo. O autor tem que mudar o tratamento que dá a certos assuntos, defende a atriz, produtora e professora da PUC-Rio Vera Novello.

– Quem escreve novelas tem de ter um assunto que o motive, pondera.

Foi o que aconteceu na novela *Torre de Babel* (1998). A obra estreou sob grande expectativa, fugindo do estereótipo de comédia associado ao autor Silvio de Abreu. As tramas sobre homossexualismo, drogas, infidelidade conjugal e violência geraram protestos da Igreja e dos espectadores. Mas o que mais desagradou foi uma amizade, prevista na sinopse original, entre a homossexual Leila (Silvia Pfeiffer) e a personagem de Glória Menezes. De acordo com o autor, em entrevista ao projeto Memória Globo, a imprensa divulgou que as duas teriam um envolvimento amoroso. Para afastar de vez a repercussão, optou por matar Leila na explosão do *shopping* Tropical Towers. A explosão teve serventia semelhante ao famoso terremoto "promovido" por Janete Clair em *Anastácia, a mulher sem destino* (1967): eliminar personagens rejeitados e alavancar o Ibope. Tarcísio Meira, que em *Torre de Babel* interpretou o empresário inescrupuloso César, também não agradou e sofreu com as reviravoltas.

– Criou-se certa confusão no andamento desse personagem. Houve uma interferência indevida, digamos assim. É muito difícil fazer um personagem e mudar o que ele pensa, mudar o que você começou, desabafou Silvio de Abreu ao Memória Globo.

Se o homossexualismo e a quebra de estereótipos de certos atores chocavam o público no final dos anos 1990, nem sempre foram essas circunstâncias as maiores geradoras de polêmicas. A história nos ensina que cada época tem seus tabus. Se hoje Vera Novello aposta que uma trama discutindo o preconceito racial "sempre seria bem aceita, já que hoje o racismo não tem voz na sociedade", no passado não era assim. Na primeira versão de *Pecado Capital* (1975), de Janete Clair, a ideia original era que o personagem Percival (Milton Gonçalves), um psiquiatra negro e bem sucedido, mantivesse um romance interracial com Vitória (Theresa Amayo), filha mais velha do ricaço Salviano (Lima Duarte). Na história, Percival chegou a se mudar para o prédio de Vitória e se aproximar dela, mas os telespectadores não reagiram bem, e o relacionamento não vingou.

Mas não há como precisar a reação do público. A colunista do jornal O Globo e crítica de telenovelas Patrícia Kogut explica que um dos termômetros é a existência de grupos de discussão. Geralmente dominados por donas de casa, com representantes de todas as classes sociais, são convocados em torno do 30º capítulo para que os executivos da emissora quantifiquem os erros e acertos. Outra forma de perceber o que querem os telespectadores é por meio da CAT, a Central de Atendimento ao Telespectador, acionada por telefone. Sempre se ouve falar dela quando a emissora faz listas dos artigos mais pedidos, as unhas mais cobiçadas entre as atrizes, etc.

Com as redes sociais, também é fácil de ver o que está ou não na *timeline* dos espectadores. Muitos autores têm Twitter, como Aguinaldo Silva e Glória Perez. Mas enquanto ela faz uma linha mais tranquila e prefere publicar notícias e mensagens para amigos, Aguinaldo é mais polêmico, e enfrenta os comentários ácidos, de famosos a anônimos, dando respostas ainda mais ácidas: "Audiência de *Avenida Brasil* ontem: 35. FOM FOM!", alfinetou, comparando com o Ibope de estreia da sua *Fina Estampa*, que registrou 41 pontos. Ainda assim, a novela de João Emanuel Carneiro alcançou até 42, durante a temporada.

Na briga pela audiência, os mínimos detalhes são levados em conta. Nem sempre o que o público rejeita é um protagonista ou uma história pela qual o autor envereda. Em *Brilhante* (1981), o que causou protestos e desaprovação, inclusive do compositor da música de abertura, Tom Jobim, foram os cabelos curtos e encaracolados da protagonista Luiza (Vera Fisher), uma designer de joias. Para amenizar o impacto, a produção fez da marca registrada da heroína lencinhos amarrados ao pescoço. Deu certo.

– Os lencinhos da Luiza viraram moda na época, lembra a professora da PUC-Rio e pesquisadora do núcleo de dramaturgia

Deborah Secco fez a moça que tentava a vida nos EUA

da Rede Globo Carla Siqueira.

Em outros casos, as reformulações gerais que tentam consertar tramas com o Ibope fraco incluem até as vinhetas de abertura. Foi assim no início da novela *América* (2005). Além de história de amor entre os protagonistas Sol (Deborah Secco) e Tião (Murilo Benício) não ter convencido de cara, a abertura foi considerada "lenta e triste" demais. A original, com a canção *Órfãos do sonho* na voz de Milton Nascimento, passou a ser cantada por Marcus Viana em segunda versão. Não foi o suficiente: a vinheta final, com *Soy Loco por tí América* interpretada por Ivete Sangalo tinha também outro projeto visual, que explorava o contraste entre os tons metalizados do logo da novela, e paisagens, com preferência para as de céu azul.

A própria Glória Perez, autora de *América*, é conhecida por mudar a trama de seus protagonistas de acordo com o apelo popular: Sol ficaria com Tião, mas a história dos dois não atraía simpatia e era considerada dramática demais. Por isso, seu final feliz foi ao lado de Ed, o americano interpretado por Caco Ciocler. Já em *Caminho das Índias*, o destino de Maya (Juliana Paes) foi parar nas mãos de Raj (Rodrigo Lomardi), que cativou o público. O par romântico inicial de Maya era Bahuan (Márcio Garcia), cuja atuação foi bastante criticada. A autora, uma das que assumidamente mais levam a sério a máxima de que "toda novela é uma obra aberta", lembra que, no início da carreira, sofreu com a desconfiança da Rede Globo. "A sinopse de *Barriga de Aluguel* causou polêmica. Tiveram medo, ela ficou seis anos engavetada, sob a acusação de ser ficção científica, lembrou em entrevista ao livro *Autores – Histórias da Teledramaturgia* (Editora Globo).

O episódio foi uma das motivações para que Glória fosse trabalhar na Rede Manchete, a convite de José Wilker, então diretor geral da emissora.

Medo da voz do povo

A relação entre a telenovela e o público passa inevitavelmente por intermediários: os atores. São também eles que lidam, no dia a dia, com mudanças de roteiro nas tramas e até na própria personalidade de quem interpretam. Na visão de Vera Novello, as novelas não são o lugar certo se o ator quer liberdade quase irrestrita.

– Muitas vezes os próprios atores escolhem seus papeis no teatro, mas na TV eles são escolhidos, diz a especialista. A sensação de liberdade e de crescimento profissional é maior nos palcos, completa.

Outro problema, aponta Vera,

é a de sofrer reações extremadas do público.

– Na TV, perdemos o controle disso. É comum pensarmos até em ameaças físicas. O ator tem que se proteger, observa.

Talvez esse tenha sido o medo da atriz Regina Duarte durante a novela *Por Amor* (1997). Ela interpretava Helena, mãe que decide trocar a identidade do neto, natimorto, pela do próprio filho recém-nascido. Tudo pela felicidade da filha Eduarda (Gabriela Duarte). O autor, Manoel Carlos, recorda que Regina hesitou em gravar a cena da troca dos bebês por temer a má recepção dos espectadores, ainda que a passagem estivesse prevista na sinopse original:

– No dia da cena, ela me ligou achando que a gente não deveria gravar.

A atriz negou ter dado tal declaração ao autor. Mas vale lembrar que ela já recusou o papel de protagonista em *Senhora do destino* (2004) e quase desistiu de interpretar a lendária viúva Porcina de *Roque Santeiro* (1985) também por medo da repercussão das anti-heroínas.

Regina e Gabriela Duarte interpretaram mãe e filha também na novela

O proibido é relativo

O autor Manoel Carlos admite que, no passado, já foi barrado pela opinião dos espectadores em seus planos originais. Em *Baila Comigo* (1981), não matou o personagem de Fernando Torres, como previra na sinopse, por pressão do público, e, em *Sol de verão* (1982), desfez o romance entre os personagens de Tony Ramos e Carla Camuratti. Mas hoje ele analisa que alguns temas ainda, a princípio, são proibitivos. "O público não aceita bem o incesto e o suicídio. Mas isso é relativo. "Mesmo nesses casos, tudo depende de como são apresentados na história", salienta.

Patrícia Kogut concorda que o relacionamento amoroso intrafamiliar ainda é polêmico, e, se fosse autora de uma trama, não bateria nessa tecla. Mas Vera Novello pondera:

– Depende da abordagem. Em *Mandala* (1987), por exemplo, os nomes deixavam clara a associação com o mito de Édipo, que filho e mãe mantêm um namoro.

Por outro lado, ela não incluiria temas como a legalização das drogas e da pena de morte em uma trama de sua autoria.

O público tem sempre razão

Apesar da infindável discussão sobre a liberdade dos artistas *versus* a audiência e seus desígnios, para alguns autores o público é a força motriz da teledramaturgia. Eles seriam não pensadores retrógrados, mas os verdadeiros especialistas em separar o joio do trigo nos folhetins.

– Eles conhecem todos os códigos que nós usamos, sabem quem deve casar com quem e quem deve se divorciar de quem. Eles têm uma relação muito íntima com enredo. Isso nos ajuda. Dou muita importância à opinião do público, admite Manoel Carlos.

Faz coro com Maneco o estudante de cinema Evandro Lima Rodrigues, que sonha em ser autor de novelas e já tem quatro sinopses pré-elaboradas. Ele crê que o fracasso de uma trama deve-se ao autor, nunca ao "conservadorismo" do público.

– O que funciona ou não é o texto, não o público. *As filhas da mãe* (2001), por exemplo, tinha um elenco de primeira, com Fernanda Montenegro, Andreia Beltrão, Claudia Raia. Mas o público não gostou do enredo e mostrou no Ibope, teoriza.

Muitas vezes, novelas campeãs de audiência colecionam reclamações do público.

– A gente ensina às crianças que não devemos trair nem beber; de repente, na novela, um homem tem três mulheres, o outro é alcoólatra", queixa-se Heloísa Souza, mãe de dois meninos na faixa dos vinte anos, sobre a novela *Avenida Brasil* (2012). Apesar de não gostar da abordagem, Heloísa é ávida espectadora da história.

Para Vera Novello, as verdadeiras obras de arte da teledramaturgia arrebatam o público, sem deixar espaço para julgamentos moralistas.

– Já tivemos na TV exemplos de novelas geniais, que ultrapassaram a barreira da vocação comercial. *Roque Santeiro*, *Saramandaia* e, mais recentemente, *Avenida Brasil* são algumas delas.

Unanimidade é caso raro. Ainda assim, Vera defende que a afinidade à primeira vista é o caminho mais seguro para que o relacionamento entre trama e telespectador dure os oito meses de produção.

Quando a realidade intervém na ficção

América (2005)

A *trama de Glória Perez narrava a saga de Sol (Deborah Secco), mocinha sonhadora prestes a recomeçar a vida nos Estados Unidos. Nos primeiros capítulos, a audiência ficou aquém do que se esperava da sucessora da popular* Senhora do destino. *A abertura inicial de* América *foi considerada lenta e pessimista demais. A canção* Órfãos do sonho *mudou de intérprete: de Milton Nascimento passou à voz de Marcus Viana. Também ganhou coloração sépia e mais flocos de neve no globo que continha as cenas da trama. Não adiantou. A segunda mudança foi radical: foi descartada a alusão ao globo com neve e trabalhou-se com imagens refletidas na própria logo da novela. A música foi trocada por* Soy Loco por Tí América *cantada por Ivete Sangalo.*

V*eja a abertura na internet:*
h*ttp://www.youtube.com/watch?v=gxuxV7Hqw_s&feature=player_embedded*

O dono do mundo (1991)

- O vilão Felipe (Antônio Fagundes) é um médico cirurgião que aposta que levará a futura esposa virgem de um de seus funcionários, Walter (Tadeu Aguiar), para a cama antes do próprio noivo. Ele cumpre o objetivo e se envolve com a mocinha Márcia (Malu Mader), em plena lua de mel com Walter O público passou a rejeitar a protagonista pela facilidade com que cedeu às investidas de Felipe, contraditório para uma personagem que era universitária e vivia em plenos anos 1990. O autor Gilberto Braga admite também, em depoimento ao Memória Globo, ter pesado a mão na crítica social. A solução foi a entrada de Sílvio de Abreu no roteiro, que mexeu no perfil de alguns personagens e deu relevo a tramas secundárias.

O salvador da pátria (1989)

Uma crítica aos vícios políticos do país, a trama conta a como o matuto Sassá Mutema (Lima Duarte) passa a ser apadrinhado por poderosos da cidade de Tangará para concorrer à prefeitura, todos com a certeza de que vão manipulá-lo. É o que justamente não acontece: Mutema vence, mas rompe com os antigos aliados. A novela originalmente terminaria com o matuto conquistando a presidência da república, mas, por conta do pleito de 1989, o autor Lauro César Muniz mudou de planos, pressionados por partidos políticos que identificavam no personagem a figura de Luiz Inácio Lula da Silva, candidato naquele ano

Brilhante (1983)

A vítima foram os cabelos curtos e frisados da protagonista Luiza (Vera Fisher), uma designer de jóias na trama. Até Tom Jobim, autor da música de abertura da novela, protestou contra o visual da atriz. A solução da equipe da novela foi tentar amenizar o impacto do corte de cabelos de Vera agregando lenços amarrados ao seu pescoço. Além de virarem marca registrada da personagem, os acessórios entraram para a moda entre as telespectadoras.

O grito (1976)

Ambientada em São Paulo, a novela de Jorge Andrade narrava o dia a dia do Edifício Paraíso, cuja planta é alterada para a construção do Minhocão. O Edifício passa a abrigar moradores de diferentes classes sociais, todos indiferentes aos dramas alheios. O público encarou o enredo como uma crítica à capital paulistana. O autor rebateu, e afirmou que sua intenção era mostrar a cidade como ela é: "dura, fechada e fria". O caso terminou no Congresso, onde o deputado Aurélio Campos atacou o que supunha ser a distorção da imagem da cidade.

Pecado capital (1975)

A autora Janete Clair tentou emplacar uma crítica ao preconceito racial com o personagem Percival (Milton Gonçalves), um psiquiatra negro culto e bem-sucedido. Mas o efeito não foi o esperado: o envolvimento amoroso com Vitória (Theresa Amayo), filha do industrial Salviano Lisboa (Lima Duarte), foi rejeitado pelo público e não emplacou.